

Prefácio

Este ensaio tem uma forte motivação pessoal, que deriva de o seu tema ter sido o grande suporte da minha carreira universitária, na sua fase inicial, e voltar, embora adaptado aos tempos que correm, a ser o grande tema na fase conclusiva. Actualmente, na minha condição de «professor jubilado», estou interessado em saber o porquê do que mudou na minha visão do mundo, mas sobretudo estou interessado em compreender, com a objectividade possível, o que mudou no mundo. Em particular no mundo do trabalho e dos sindicatos, do emprego e do desemprego, da política social, enfim, da temática da «economia do trabalho» que, na década de 60 do século passado eu ensinava — um tanto subversivamente — no Instituto de Estudos Sociais, ao Campo Grande, depois transformado no actual ISCTE.

Hoje está mais na ordem do dia a problemática da «economia do conhecimento», no contexto da globalização, enquanto os temas da antiga «economia do trabalho» são vistos numa perspectiva já não ofensiva, própria de quem julgava transportar a bandeira dos explorados, mas defensiva, perante uma série de tendências da economia mundial que refiro neste livro. De certa maneira, a economia dita «baseada no conhecimento» (EBC) é assunto dos mais desenvolvidos, enquanto a «economia do trabalho» (ou da sua falta) é matéria dos que o são menos, ou o não são de todo.

Procurei, portanto, neste pequeno ensaio, montar o *puzzle* das visões fragmentadas do presente mercado global, tentando obter

Autor

uma interpretação fundamentada numa realidade em movimento sem dúvida «coerente», mas de duvidoso «sentido», se procurarmos aferi-la segundo um padrão de desenvolvimento humano.

Dedico o livro à memória do professor A. Sedas Nunes, o grande pioneiro da investigação social em Portugal, numa época difícil em que o regime político hostilizava tanto a sociologia como o socialismo.

Fui seu aluno, depois assistente e colaborador no Centro de Estudos Sociais e Corporativos, Gabinete de Investigações Sociais e Instituto de Ciências Sociais, instituições que Sedas Nunes lançou e dirigiu.

Recordo o difícil legado que me deixou, quando fui incumbido de reger em sua substituição a disciplina de História dos Factos e Doutrinas Económicas, no ISCEF, da Universidade Técnica de Lisboa (hoje ISEG). Foi, por assim dizer, o meu baptismo de fogo na Universidade. Se persisti e depois segui o meu caminho próprio pelos labirintos da «economia do trabalho», fiquei a devê-lo ao apoio generoso e amigo que recebi de A. Sedas Nunes nessa fase inicial da minha carreira.

É-me grato lembrá-lo quando verifico que esse meu percurso — vejo-o, hoje, retrospectivamente com algum espanto — seguiu destino tão distante dos horizontes que, nesse tempo, Sedas Nunes e eu próprio podíamos vislumbrar.

Natal de 2006
MÁRIO MURTEIRA
www.mariomurteira.com